



OS ESTUDANTES APELIDADOS DE “PÉ DE TODDY” – MORADORES DO RESIDENCIAL ORLANDO DE MORAIS - GOIÂNIA – GO

Sueli Alves de Sousa¹
Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva²

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é trazer o resultado da construção do estigma no espaço escolar de um colégio da Polícia Militar do Estado de Goiás e desvelar em parte, a identidade dos estudantes chamados pelos seus pares de “pé de toddy”, assim também como as grafias existenciais dos estigmatizados e estigmatizadores³.

As análises se concentraram na escuta de cinco estudantes – todos do colégio CEPMG (Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás) e de seus familiares, moradores do Residencial Orlando de Moraes.

Foi neste espaço de uma escola da periferia que nossas observações como professoras pesquisadoras começaram, ao ouvirmos o relato de alguns estudantes que têm de sair de casa de madrugada para chegar às 7 horas no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CEPMG). Os estudantes do noturno, também relataram que chegam a casa por volta de meia noite, devido à demora do ônibus, já que a distância entre o colégio e o Residencial Orlando de Moraes é de aproximadamente 10 quilômetros. Estes estudantes são apelidados pelos seus pares de “pé de toddy” porque chegam atrasados em sala de aula e expõem os sapatos sujos de terra vermelha. A insígnia “pé de toddy” é uma das muitas formas com que outros estudantes se referem a esses colegas, uma maneira pejorativa de se referir a quem mora no bairro que selecionamos para a pesquisa

APORTE TEÓRICO

Para entendermos em parte, o contexto dos espaços de estigmas, procuramos nos embasar nos estudos do pesquisador Norbert Elias e do professor John L. Scotson, (2000) que sustenta a temática sociológica de questões importantes da atualidade, como preconceito e discriminação como expressão de violência entre a juventude. Em seguida, utilizamos a análise sociológica da educação de Pierre Bourdieu (2006), por vezes, enfatiza que a instituição não consegue se adequar às disparidades e diversidades dos sujeitos contemporâneos. Por isso, muitos sujeitos, despossuídos, permanecem de fora do espaço escolar, mesmo às vezes estando dentro.

¹ Professora Ma da Escola Estadual da Polícia Militar de Goiás Waldemar Mundim / Pesquisadora do Grupo de Estudo: Ensino, Pesquisa e Extensão - Veredas / LAGICRIARTE / IESA / UFG - sugeoambiental@gmail.com

² Professora Dr.^a do Instituto de Estudos Socioambientais - UFG / Pesquisadora do Grupo de Estudo: Ensino, Pesquisa e Extensão - Veredas / LAGICRIARTE / IESA/UFG - rusvenia@gmail.com

³ Este resumo é parte resultante da pesquisa de mestrado realizada em 2019 no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAI /UFG.



Nas perspectivas de Deslandes et al. (2015) para numa abordagem sociológica do trabalho de campo, fez-se necessário voltar nosso olhar de outra maneira às reflexões dos elementos importantes desse lugar complexo que é a escola, sobretudo com um olhar mais sensível da realidade desses estudantes, no contexto da militarização escolar.

Por outro lado, a pesquisa de Nilma Lino Gomes (2002) fala da herança de uma cultura racista que anula a estima e a expressão do corpo negro, e ainda conscientiza que o cabelo é umas das possibilidades oferecidas no processo de reafirmação e representações do corpo negro. Nos relatos dos entrevistados o cabelo armado configurou uma transgressão leve nas normas disciplinares do colégio militar, configurando o racismo estrutural por parte de um servidor público dessa escola da periferia.

METODOLOGIA

Após a aprovação da nossa pesquisa pelo comitê de ética da Universidade Federal de Goiás – UFG e com a autorização do Comandante do colégio da polícia militar para que pudessemos aplicar os questionários, selecionamos cinco estudantes do Residencial Orlando de Moraes que estudavam no CEPMG para entender como se dão estes e outros estigmas dentro do espaço escolar. Estes estudantes foram indicados pela coordenadora geral do colégio. Ela, já os conhecia bem. Dos cinco estudantes selecionados, três eram estranhos para nós.

Diante do exposto, precisamos partir da ideia de unidade e multiplicidade e tentar interpretar este espaço particular dos conteúdos abstratos, ou seja, dos fatores invisíveis, como bem mencionou Milton Santos em seu artigo publicado em 1988. Não se deve deixar, entretanto, que os interesses teóricos descritivos, se sobreponham aos interesses de uma interpretação mais sensível da realidade desses estudantes, nesse percurso que vamos trilhar, (DESLANDES et al., 2015).

Esse estigma foi relatado por cinco estudantes, dois do ensino médio e três do fundamental: Sofia Duarte, Betinho de Souza, Paulo Henrique Mendes, Felipe Teodoro e Fred Wilker⁴, através das entrevistas com perguntas semiabertas focalizadas, realizadas em outubro de 2018.

Incorporar esse riquíssimo material – **o ser humano** – e interpretar as suas grafias existenciais numa compreensão mais intersubjetiva da vida, cheia de vulnerabilidade foi, para nós, um grande aprendizado. Durante os meses de agosto e setembro de 2018, estivemos presentes em suas casas e percorremos com esses cinco estudantes seus percursos nos ônibus (de casa para a escola e vice-versa), durante as manhãs, tardes e noites, e principalmente aos sábados, quando os (as) responsáveis das famílias estavam em casa, quando podíamos aplicar os questionários com perguntas.

A abordagem dessa pesquisa foi quali-quantitativa, na modalidade estudo de caso, com técnica de observação participante. A escuta foi uma metodologia bastante valorizada porque eles (estudantes e família) falavam e a partir daí traçamos suas cartografias, utilizando como recursos o caderno de campo, os questionários semiabertos e as perguntas focalizadas, estes últimos dois aplicados ao final das escutas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

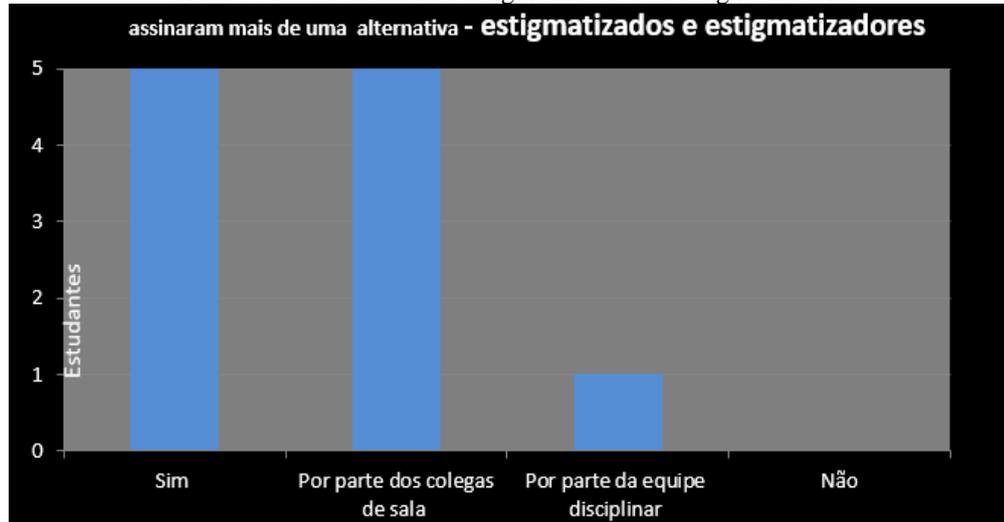
⁴ Vale ressaltar que todos são nomes fictícios, escolhidos por eles mesmos.



Todos os cinco estudantes responderam que foram expostos a algum tipo de constrangimento porque moram em um lugar longe e por seus costumes meio estranhos. Os olhares duvidosos e descrentes buscam a definição, a fixação da conduta dos sujeitos, e normalmente são alguns dos estudantes da sala, principalmente aqueles que também moram em bairros periféricos, que acham que se comportam bem, que são mais disciplinados.

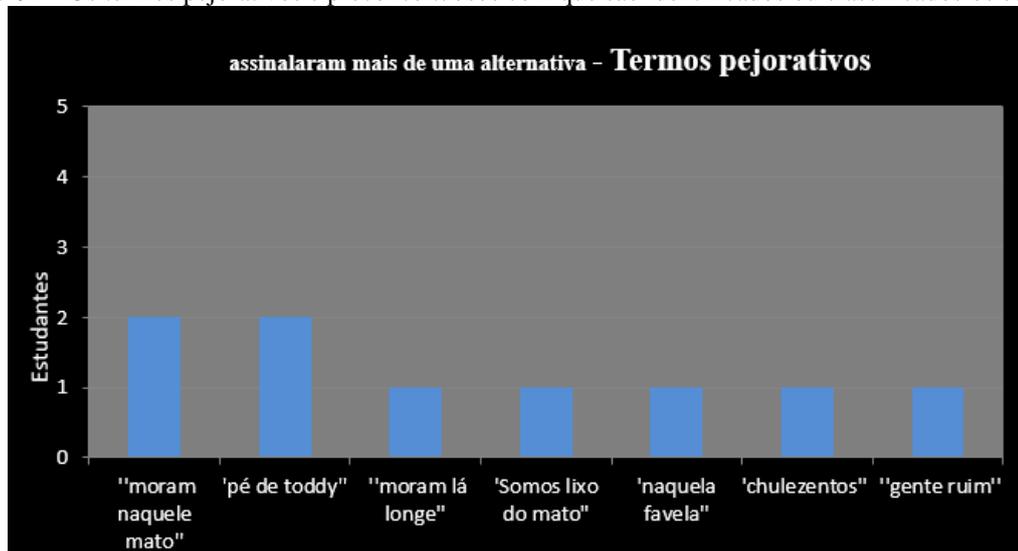
Vamos consultar os dois gráficos a seguir para interpretar a situação de estigmas vividos.

Gráfico 01 – Os estudantes estigmatizados e os estigmatizadores



Fonte: acervo das autoras, 2018.

Gráfico 02 – Os termos pejorativos e preconceituosos com que são identificados ou classificados os estudantes



Fonte: Acervo das autoras, 2018.

Ao analisarmos os gráficos, tivemos pistas de marcas visíveis a que os cinco estudantes são expostos, ou seja, sinais para repensar a situação de vulnerabilidade e exclusão a que alguns estudantes são expostos, em função de morarem em bairros com alta criminalidade e em situação de extrema pobreza. Disponibiliza-se, ainda, a oportunidade de pensar o respeito à diferença pela diferença em uma escola efetivamente inclusiva.

Mesmo nesse espaço de regras tão rígidas de padronização do uniforme, as diferenças ficam evidentes, a farda e a exigência de um padrão impecável, não escondem o fato dos estudantes discriminados aparentarem ter os sapatos sujos de terra vermelha. Isto é, isso



supostamente justifica morarem no mato e na favela, assim, portanto, seriam gente ruim e “chulezenta”. À primeira vista, os “reconhecíveis” os classificam como “os diferentes”.

A partir da fala do estudante Paulo Henrique, de 13 anos, adquiriu-se a informação de que o funcionário da equipe disciplinar pediu para a sua colega de sala do 8º ano alisar o cabelo para entrar no padrão, pois, o regimento do colégio militar proíbe a utilização de cabelo armado⁵ para os estudantes – e para os professores e professoras. De acordo com o regimento disciplinar, os cabelos devem permanecer presos com rabo de cavalo ou coque para as meninas e cortado na máquina nº 4 e nº 2 para os meninos, enquanto as professoras devem ter os cabelos presos e sem tintas extravagantes.

Com essas repressões, os colégios militares violam a Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente e as declarações internacionais que pronunciam uma educação com base no pluralismo, tolerância, direitos humanos e valorização de diversos saberes. Não conheço nenhum estudo que afirma que o penteado, a cor do cabelo, a cor de esmalte de uma estudante, vão interferir na qualidade do seu aprendizado.

É preciso dizer que os grupos que estigmatizam os estudantes do Residencial Orlando de Moraes são alguns dos seus colegas de sala que moram no Setor Judas Tadeu, Vila Itatiaia, Jardim Pompéia e Crimeia Leste. Além disso, foi relatado ainda, que seus colegas de sala do Residencial Antônio Carlos Pires, das Chácaras Recreio, Retiro, Samambaia e Itanhangá são também apelidados de “gente do mato” e de “pé de toddy”, ou seja, como eles igualmente sofrem discriminação.

O grupo de estudantes que estavam estabelecidos em bairros mais antigos (Itatiaia, São Judas Tadeu, Jardim Pompéia e Crimeia, tidos como centrais) tinha percorrido caminhos em comum, os outsiders (Orlando de Moraes) não. O grupo de estudantes antigos compunha-se de famílias que haviam morado nos bairros por umas quatro décadas. “Elas haviam atravessado juntas um processo grupal – do passado para o futuro através do presente – que lhes dera um estoque de lembranças, laços de intimidade emocional” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 38).

Os estabelecidos (estigmatizadores) e os recém-chegados (estigmatizados) eram grupos bem homogêneos quanto a sua classe social, nacionalidade e ascendência étnica ou racial e pouco se diferenciavam.

Mas a maior queixa desse grupo (estigmatizado) era os problemas constantemente reforçados pelas dificuldades sociais do desemprego, que infelizmente, forçaram-lhes aos movimentos migratórios voluntários ou não, isto é, ao desenraizamento e a desorganização da vida doméstica. Dessa forma, tais enfrentamentos influenciaram para que eles não conseguissem fugir da situação de subcidadania e preconceito, que repercutia em seus processos educacionais, menos prospectivos e desclassificatórios.

Palavras-chave: Estudantes, “Pé de Toddy”, Orlando de Moraes, Estigmas, Escola da Periferia.

⁵ São os cabelos volumosos, ondulados e crespos que reforçam a cultura negra.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Organização de Maria Cecília de Souza Minayo. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Disponível em: <file:///C:/Users/LG/Desktop/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MELLO e SILVA. Estigmas e preconceitos na escola: relatos de imigrantes. **Revista Polifonia** Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-310, jan.-abril.2018. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/issue/view/437>. Acesso: 10 jun. 2021

SANTOS, Milton. O Espaço Geográfico como categoria filosófica. **Revista Terra Livre /AGB**. São Paulo, nº 5, p. 09-20, 1988. Disponível em <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/67>. Acesso: 15 ago.2020.